



Infâncias warao no bojo da migração forçada: cuidados, aprendizagem e identidade

Milena Weber

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3060-3481>

Claudia Lee Williams Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7761-6095>

Introdução

Ao olhar para o cotidiano das crianças warao em Porto Alegre, há de se dar conta que, hoje, já não existe um rio onde possam brincar, tampouco podem circular irrestritamente por um território comunitário mais amplo, sair para fazer suas primeiras caças e pescas ou confeccionar suas próprias ferramentas para essas atividades. Os adultos se dão conta de que aquela infância que viveram no interior da Venezuela não é mais possível de ser proporcionada para seus filhos e netos. A paisagem agora é outra, assim como as circunstâncias que condicionam seu presente e futuro. Nesse contexto, questões sobre “que infância?” inquietam muitos dos Warao, sejam eles crianças ou adultos.

O objetivo da reflexão que desenvolvemos¹ aqui é demonstrar como, apesar disso, as crianças seguem brincando, compartilhando seu dia a dia com seu grupo e aprendendo a ser Warao. Os adultos, por sua vez, seguem desdobrando-se em cuidados para protegê-las e criá-las em meio a tantas transformações. Juntos, indígenas de diferentes idades vêm reinventando as maneiras de ser criança warao, combinando e adaptando elementos e práticas que as crianças costumam realizar nas comunidades ditas “tradicionais” com os novos hábitos e experiências adquiridos no decorrer de uma série de deslocamentos forçados que têm atravessado gerações.

O trabalho de campo etnográfico, realizado por Milena Weber, teve início nas atividades do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, coordenado pelo professor Pablo Quintero. Com a chegada de um grupo warao à capital gaúcha, em fevereiro de 2020, os pesquisadores do NIT tiveram como iniciativa oferecer algum suporte no início da pandemia de covid-19. Por isso, este trabalho se deu nos moldes de uma participação-observante (ALBERT, 2014). A aliança com algumas dessas pessoas se estendeu ao longo dos anos, incluindo a época desafiadora da enchente de 2024, sempre por meio de encontros pessoais e ligações.

A importância de descrever essa “reinvenção”, essa forma específica de experimentar a infância e de aprender a viver em comunidade, emerge em resposta ao estigma sofrido pelos Warao em muitos lugares por onde transitam. Por exemplo, logo cedo em nossa pesquisa de campo, presenciamos um encontro na sede do Conselho Tutelar, onde operadores dos serviços de proteção à infância e à adolescência – trabalhadores da escola pública, do Conselho Tutelar² e do Ação Rua³ – colocavam a pergunta: por que as crianças warao não apareciam com a frequência protocolar nas aulas? A falta de empenho dos pais nesse sentido era por indiferença? Desinteresse pelo “bom cuidado”? Ou havia aí outra coisa?

1 A primeira autora, Milena Weber, realizou pesquisa de campo em convivência com os Warao em Porto Alegre entre 2020 e 2024. A segunda autora, Cláudia Fonseca, enquanto orientadora da dissertação elaborada por Milena, *Nobotomo yorokitane (cuidar as crianças): deslocamentos, infâncias e cuidados entre famílias warao*, colaborou na análise da experiência e na escrita deste texto.

2 Órgão permanente e autônomo, instituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), criado para garantir que os direitos de crianças e adolescentes sejam cumpridos.

3 Projeto da Prefeitura Municipal de Porto Alegre desenvolvido para atender crianças e adolescentes que vivem ou passam parte do dia nas ruas da capital gaúcha, abrangendo situações consideradas como trabalho infantil.

A cena despertou nas pesquisadoras outro tipo de pergunta: se os pais, assim como os filhos, não estão priorizando o ensino escolar, que formas de aprendizagem essas famílias aceitam ou preferem? Assim, querendo ir além de uma denúncia simplista de intervenções autoritárias, nosso interesse se direcionou para a possibilidade de conhecer, descrever e fazer viver as formas de sociabilidade, aprendizagem e cuidado que aqueles Warao – adultos e crianças – achavam mais favoráveis. No contexto de deslocamentos forçados que viviam há anos, quais os conhecimentos e quais as preparações para o desenvolvimento e o crescimento que, do ponto de vista das famílias, pareciam caber melhor em seu cotidiano e na vida de seus filhos?

Neste trabalho, propomos responder a essa pergunta, aproveitando contribuições da antropologia da criança em diálogo com o trabalho etnográfico intensivo entre famílias Warao em Porto Alegre. Depois de uma breve introdução, situando a questão dos deslocamentos forçados dos Warao, passamos a recorrer a cenas etnográficas vividas pela primeira autora, para falar da convergência entre processos de aprendizagem e formas de cuidado que compõem a infância warao, tal como é vivida por nossas interlocutoras. Encontraremos diversas características ressaltadas na literatura como comuns a outras “infâncias indígenas”, a saber: o reconhecimento da autonomia da criança e sua capacidade de decisão; o reconhecimento de suas distintas habilidades frente aos adultos; o papel da criança como mediadora de grupos sociais (TASSINARI, 2007). Mas, longe de nós destacar essas atitudes como “tradicionais”, queremos ressaltar como essas dinâmicas são constantemente reatualizadas, num jogo entre corpo e coletividade, produzindo elementos para a reprodução da identidade étnica em novas gerações.

Deslocamentos forçados hoje e ontem

Em maio de 2024, cerca de 2 milhões de pessoas no Rio Grande do Sul foram afetadas de maneira direta ou indireta pelas enchentes catastróficas daquele mês. Aproximadamente meio milhão de pessoas em todo o estado foram desalojadas, dentre elas, a primeira autora e uma família warao, vizinha na zona norte de Porto Alegre onde as águas alcançaram alturas superiores a 3 metros. Foi nesse momento que se tornou claro como, à diferença da pesquisadora, a vivência do deslocamento abrupto não foi uma experiência nova para os Warao.

Considerado o povo mais antigo da Venezuela (GARCÍA-CASTRO, 2006), os Warao viviam durante séculos em diversas comunidades no Nordeste da Venezuela, chamadas familiarmente de *caños*, vindo em época mais recente a habitar cidades maiores, como Barrancas del Orinoco e Tucupita. Um dos motivos para que tantas famílias deixassem os *caños* tem relação com projetos de cunho desenvolvimentista realizados no delta do Orinoco que afetaram a qualidade da água do rio e, conseqüentemente, suas condições de pesca, caça, coleta e permanência naquele ecossistema. Alguns desses projetos atingiram diretamente seu território e o modo de vida dessas populações: 1) a introdução do cultivo de *ocumo chino* pelos freis capuchinhos (AYALA LAFÉE-WILBERT; WILBERT, 2008), fenômeno que resultou em um processo de dependência do trabalho assalariado e levou ao abandono do antigo habitat pelos Warao (HEINEN; LIZARRALDE; GÓMEZ, 1996); 2) a construção da barragem do Rio Manamo em 1960, empreendimento que desencadeou graves conseqüências ecológicas na região (GARCÍA-CASTRO; HEINEN, 1999); 3) a grande epidemia de cólera na região, entre 1992 e 1993 (BRIGGS; MANTINI-BRIGGS, 2003), que levou a óbito cerca de 500 pessoas no delta do Orinoco, a maioria delas Warao; e 4) a exploração petrolífera e mineral no chamado “cinturão do delta”, onde hoje se encontra a maior reserva certificada de petróleo no mundo (ROSA, 2021).

Já em terras brasileiras, as famílias Warao das quais nos aproximamos viajaram de cidade em cidade, desde a região norte do Brasil, a fim de encontrar lugares onde pudessem se estabelecer. Em meio ao trajeto, acabaram fugindo, como ocorreu em Cuiabá (MT), ou sendo literalmente expulsos, como no caso de Cascavel (PR), por conta de perseguições que sofriam de agentes da assistência social em alguns municípios. O motivo eram os acampamentos que faziam em praças, até que fosse possível alugar uma casa, e por fazerem *ebukitane* — pedir dinheiro e doações na rua. Mesmo em Porto Alegre, mudar-se segue sendo necessário, seja por conta da superlotação das moradias, da inviabilidade de seguir pagando aluguel, ou simplesmente porque os proprietários pedem para que o imóvel seja desocupado.

Em outras palavras, as catástrofes que ocasionaram mudanças no seio desses grupos não tiveram início com as enchentes, tampouco foram encerradas a partir de sua chegada em terrenos onde a água da inundação não alcançava. Como se pode observar, o povo Warao viveu uma série de intervenções desastrosas que atingiu seus modos de vida e que os obrigou a se deslocar, fazendo com que lançassem mão de novos meios de subsistência.

Para adentrar ao modo como os Warao vivem esses deslocamentos constantes, podemos evocar a *Madre de las Mareas*. Essa guardi a das águas era um “espírito” que governava a direção das correntezas por onde os Warao (ainda nos *ca os* da Venezuela) percorriam distâncias, remando em suas canoas (AYALA LAFÉE-WILBERT; WILBERT, 2008). Para realizarem viagens longas pelo Rio Orinoco, seus afluentes ou mesmo em direção ao mar, costumavam esperar até que a maré mudasse em seu favor, o que poderia ser um tempo de espera muito longo. A espera pelas mudanç as da maré não seria análoga   hesitação dos Warao (já em Porto Alegre) entre retornar   terra natal ou permanecer no Brasil? Assim como diante das marés, suas reflexões e opiniões sobre permanecer ou voltar ao país natal dependem não inteiramente de sua vontade própria, mas das condições, medidas a cada momento, que lhes parecem mais favoráveis.

A ideia de um dia viajar de volta para a Venezuela e retomar a vida que se vivia antes do deslocamento forç do   constante entre muitos Warao que hoje residem em Porto Alegre. Essa espécie de “projeto” ora se apresenta como um “sonho” inalcançável, ora como um plano carregado de anseios e do receio de que o que encontrem por l  possa decepcioná-los. Ao mesmo tempo, decepções com a vida que agora levam no Brasil os impulsiona a querer regressar. A demora para obter um emprego estável (tornando cr nica a carência de recursos financeiros), a dificuldade em conseguir moradia (resultando em uma constante circulação entre casas superlotadas), assim como o olhar admoestador dos brasileiros diante de alguns comportamentos costumeiros, os fazem questionar se “não seria melhor voltar para a Venezuela”.

As crianç as, por sua vez, têm seu imaginário povoado por essa incerteza. Cientes das conversas e inquietações dos adultos a respeito do tema, elas participam da elaboração dos questionamentos e sentimentos em torno de seu futuro e da sua família; além disso, desafiam os adultos a refletir sobre essa nova geração, que agora cresce no Brasil. Nesse sentido, cenas como as que trataremos a seguir corroboram com o argumento de autoras especialistas (COHN, 2005; SZULC, 2015) no emergente campo da antropologia da crianç a, quando afirmam não existir uma divisão entre o “mundo dos adultos” e o “mundo das crianç as”. Ao observar um elemento tão corriqueiro como a aquisição da linguagem, veremos como as crianç as vivem no seio dessa tensão. O dilema – voltar para a Venezuela ou permanecer no Brasil – parece, de fato, permear praticamente todos os espaç os da vida, dando um tom particular às ideias de infância, cuidado e aprendizagens para o futuro.

Negociando as linguagens usadas

“Que língua a gente vai falar quando voltar pra casa?” A mãe de Joana⁴ me⁵ contou sobre a pergunta que a filha havia feito durante uma de minhas visitas à família, numa tarde de agosto de 2024. Naquele dia, decidi, então, observar mais detidamente a forma como as crianças ali interagiam entre si e com os adultos e quais formas escolhiam para se comunicar.

Joana, de 7 anos, havia descido as escadas com a chave do portão para me receber. Vestia calças cor-de-rosa, um moletom colorido, chinelos e tinha os cabelos presos, com alguns fios soltos que sugeriam que, enquanto brincava, o penteado ia se desfazendo. Cumprimentamo-nos dizendo “Hola”, seguido de um abraço tímido, e fomos até o fundo do terreno, onde ficava sua casa⁶. Quem nos esperava à porta de entrada era Mariela, a mãe, com a barriga saliente da gravidez do terceiro filho (e a segunda filha). Ao seu lado, Rafael, um menino com cerca de dois anos, parecia espreitar ansiosamente o retorno da irmã.

Mariela e eu sorrimos uma para a outra e nos cumprimentamos dizendo “Hola, como estas?” Trocamos abraços na soleira da porta enquanto as crianças, correndo, sumiram juntas dentro da casa. Era minha primeira visita ao novo endereço, que ainda era pouco mobiliado e tinha muitas sacolas, que armazenavam os pertences da família, espalhadas pelo espaço. Entramos na cozinha, mobiliada com um fogão, uma pia, um móvel de madeira, onde pude ver alguns alimentos e panelas, mas ainda sem geladeira. Havia duas cadeiras que a gestante posicionou perto das sacolas de roupa para conversarmos.

Uma rodada de esconde-esconde se iniciava entre Joana e Rafael enquanto Mariela me atualizava a respeito de sua vida e da mudança para a nova casa. Outro assunto recorrente era sua preocupação com Rafael, que ainda não falava. “Yo tomé vitaminas para ti y ahora no quiere hablar”, disse ela, referindo-se ao período de gestação, quando o médico do posto de saúde lhe prescreveu suplementos dos quais ela fez uso. Enquanto Rafael entrava no quarto para esperar a irmã se esconder, Joana escolheu se esconder atrás da porta de saída da casa. Em warao, anunciou ao irmão que ele poderia sair e procurá-la: “Nao tamate”, vem cá!

Mariela e eu seguíamos nossa conversa quando Rafael saiu do quarto para procurar pela irmã. O menino parou diante de mim, esperando que eu fosse sua cúmplice e entregasse o esconderijo dela. Uma vez que eu não falava warao, passei a sussurrar palavras em espanhol e fazer gestos indicativos para ajudá-lo. Atento, ele entendia e repetia algumas palavras que eu lhe falava: “Tras la puerta!” Ele ria e repetia: “Puerta!”

A mãe do menino, como mencionado, estava preocupada, porque, em sua opinião, Rafael ainda não “queria falar”. Quando eu argumentei que ele entendia “tudo o que a gente fala”, ela concordou. Porém, ainda preocupada, acrescentou que ele vinha misturando

4 Para garantir o resguardo à privacidade das pessoas que embasaram este estudo, as personagens descritas receberam nomes fictícios.

5 Certos trechos etnográficos deste texto serão deixados na primeira pessoa do singular para, num exercício reflexivo, sublinhar a inserção particular da pesquisadora na cena descrita.

6 A casa era localizada num bairro periférico da cidade de Porto Alegre. Apesar de ser pequeno, com um quarto, banheiro e cozinha, o espaço viria a ser compartilhado entre Joana, seus pais, dois de seus avós, uma tia, e dois irmãos mais novos.

palavras em warao, espanhol e português. Rindo com o que me contava, ela disse que Rafael, quando queria beber refrigerante, pedia *agua* (em espanhol), e quando queria água, pedia *oji*, *água* em warao.

A anedota não me convenciu de que Rafael ainda não falava. Pelo contrário, mostrava que a criança estava sendo socializada fazendo o uso de três idiomas diferentes. A língua warao era falada em casa, tanto com os parentes que moravam ali quanto com os parentes de longe (da Venezuela), via *Whatsapp*. Era comum que as crianças, principalmente quando pequenas, assistissem (pelo celular) desenhos e animações em espanhol e, mais recentemente em português também. Além disso, estas últimas duas línguas eram usadas para falar com *criollos* e *brasileños*, os não indígenas, como eu. Assim, me dei conta de que Rafael e Joana, ao contrário das outras crianças que moravam no bairro, estavam aprendendo a falar em três idiomas ao mesmo tempo, transitando com relativa facilidade entre uma língua e outra.

Com isso, deduzi que, para Mariela, aquilo ainda não era considerado “falar”. A maneira com que o filho misturava os idiomas era também uma novidade para ela, que não gostava de falar português. Assim, quando a filha lhe perguntava sobre que língua iriam falar quando voltassem para casa, e o filho fazia uso indistinto de palavras entre uma língua e outra, Mariela era surpreendida ao perceber que as crianças também eram participantes engajadas naquela realidade em transformação. Diante de situações como essa, podemos imaginar como a transmissão de conhecimentos se dá reciprocamente entre as gerações descendentes e as ascendentes (CODONHO, 2007). Isso quer dizer que, na medida em que as crianças aprendem, seus pais, tios e avós também parecem aprender com elas e, juntos, constroem sentidos adaptados ao novo terreno.

Futuros e linguagens em construção

Felipe era o filho único de José e Nádia. Ele nasceu em Porto Alegre e era uma criança de 3 anos. O pai do menino gostava muito de música e, assim como muitos outros jovens warao que participaram de nossa pesquisa, entusiasmava-se por mixar músicas caribenhas em um ritmo eletrônico. Em seus dias de folga do trabalho como assistente de limpeza em um supermercado, José passava o tempo editando as músicas em seu celular e, mais tarde, juntou dinheiro para comprar um computador e fazer essa atividade com mais facilidade.

Quando despertou interesse em ver o que o pai fazia, Felipe passou a acompanhar o pai na atividade. Em um vídeo que a família me enviou, é possível ver Felipe sentado sobre uma banqueta, vestindo calças de moletom, camiseta de mangas compridas sobreposta por outra de manga curta. À sua frente está uma cadeira com um computador aberto; na tela, vê-se um programa de mixagem de áudio, com a imagem de ondas sonoras se movimentando. Visivelmente empolgado com o que vê e ouve, Felipe sorri e se diverte. Ele balança o corpo na cadeira como se estivesse dançando enquanto passa os dedos pela tela do computador, explorando as diferentes funções do aplicativo e a maneira como a música se modifica na medida em que ele as aciona. Orgulhoso e feliz, José escreve na legenda do vídeo: “*Mi pequeño DJ*”.

Esta atividade faz parte das situações que refletem a importância da manutenção dos laços familiares e do interesse que os adultos têm em que as crianças participem de seus momentos de lazer para que usufruam juntos. Assim, esses dias não eram apenas

uma pausa na rotina de trabalho de José, mas o espaço que encontrava para passar momentos com o filho, que geralmente ficava sob os cuidados da mãe e da avó⁷.

Cenas como essa mostram os momentos compartilhados entre pai e o filho, que pareciam desfrutar de um momento de lazer, ao mesmo tempo em que reforçavam sua conexão em uma transmissão de conhecimentos e técnicas. O homem compartilhava seus próprios interesses e habilidades com Felipe, proporcionando ao filho um espaço de criatividade e colaboração, onde a música se tornava a linguagem comum entre eles.

Assim como Joana e Rafael, mencionados anteriormente, Felipe também era incentivado a ter contato com o português por meio dos desenhos que assistia no celular. Em certo encontro, perguntei a José, que era um dos poucos Warao que falavam português, se o filho já havia dito as suas primeiras palavras. Em negativa, o homem me disse que não e, prevendo meu questionamento sobre qual língua era preferível que o filho falasse, acrescentou “*Todavía es muy pequeño para elegir que lengua va a hablar*”. Diferentemente de Mariela, o pai de Felipe não parecia preocupado com o ritmo de desenvolvimento do filho.

Ao mesmo tempo, à semelhança de Mariela, José e sua mulher pareciam realizar esforços para colocar seu filho em contato com os diferentes idiomas, linguagens, culturas e códigos sociais. A escolha entre eles caberia a Felipe quando este tivesse idade suficiente para tomar a decisão. O exercício de proporcionar à criança diferentes opções reflete, portanto, a combinação entre aquilo que os familiares adultos podem oferecer e o reconhecimento da agência e liberdade da própria criança ao ter a possibilidade de optar pela forma com que desejará, futuramente, combinar aqueles elementos⁸. Ou seja, Felipe não será obrigado a mixar músicas como o pai, tampouco terá que escolher apenas uma língua para falar. Poderão, de certa forma, experimentar as mesmas tensões e dilemas que seus pais, mas a saída delas não será determinada sem a participação ativa das próprias crianças nessas decisões. Na infância Warao, ousamos sugerir, o rumo escolhido será resultado não apenas dos desejos dos pais (e seus projetos pessoais) mas da vivência em coletividade.

Aprendendo em coletividade

Dança, expressão corporal, gestualidade e sociabilidade religiosa

A antropóloga Aracy Lopes da Silva retoma a noção maussiana de “técnicas do corpo” e “noção de pessoa” para propor que a corporalidade seja entendida como um dos mecanismos centrais dos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos, habilidades, técnicas e concepções próprias à educação de crianças indígenas (LOPES DA SILVA, 2002). Junto a comunidades Xavante e Xerente, ambos povos Jê do Brasil central, a antropóloga nos mostra como movimento, ação, sentidos e emoções são

7 Aqui, podemos observar como o gênero tem se construído no seio dessa relação por meio de uma atividade que envolve aprendizagem e transmissão de saberes de pai para filho.

8 Ver Cohn (2005) para um panorama histórico das representações antropológicas da criança, demonstrando como esta passou de um mero recipiente a ser preenchido de cultura e ensinamentos a um sujeito com “agência”, isto é, com a habilidade de interferir sobre o meio social no qual está inserida e o poder de influenciar seu próprio aprendizado.

também “técnicas” cognitivas e formadoras observáveis desde as práticas cotidianas até momentos festivos de rituais estruturados simbolicamente. Para exemplificar, a antropóloga menciona recursos musicais, dramáticos, gestuais e artísticos que informam e situam as crianças no mundo e na vida social.

O trabalho da antropóloga Chantal Medaets, buscando compreender o *que e como* se aprende entre crianças indígenas e ribeirinhas no Baixo Tapajós, acentua a centralidade da aprendizagem através da convivência em grupo naquele contexto (MEDAETS, 2020). Descrevendo a maneira com que as crianças aprendem a fazer canoas, caçar, pescar e descascar mandioca, ressalta a importância da observação que parte do interesse das próprias crianças⁹. Aprendem, de certa forma, *apesar* dos adultos, pois, para estes últimos, o erro das crianças numa atividade não é tolerado e implica no afastamento delas. Dessa maneira, os adultos estimulam as crianças a aprender não por palestras didáticas, mas sim por meio de desafios táticos que provocam nas crianças uma escuta atenta e uma percepção afiada (MEDAETS, 2020).

Atividades em coletividade se remetem, para a antropóloga Camila Codonho (2014), a outra característica de aprendizagem em sociedades indígenas: os conhecimentos horizontalmente transmitidos. No seu estudo referente aos povos indígenas Galibi-Marworno no Amapá, a pesquisadora frisa como, a partir da participação na vida cotidiana e o cuidado dos outros, as crianças transmitem saberes entre si, num processo mais coletivo do que diádico de aprendizagem. Desse modo, valorizando sua autonomia, acabam sendo responsáveis por sua própria socialização¹⁰.

Ao aproveitar essas pistas em busca da transmissão de uma identidade étnica entre as crianças warao com as quais nós lidamos, localizamos dois momentos particularmente reveladores: o da dança e o do *ebukitane*. Para ilustrar, voltamos à etnografia.

Era evidente que uma das coisas que nossa pequena protagonista, Joana, mais gostava de fazer, fosse em momentos de celebração ou mesmo no cotidiano, era dançar. Durante as festas da Virgem de Coromoto, a padroeira da Venezuela, ou nos aniversários, ela e outras crianças se divertiam dançando entre si ou com parentes adultos ao som de ritmos caribenhos, como merengue e salsa. No último aniversário de Joana, por exemplo, as crianças formaram pares e, de mãos dadas, balançavam seus corpos ao ritmo da música, enquanto os adultos embalavam os bebês e crianças de colo. O gosto pela dança era especialmente cultivado entre as mulheres e as meninas, que criavam coreografias ou aprendiam juntas as danças do *TikTok* como forma de lazer e convivência. Mariela e Joana passavam os dias se divertindo com os passos que inventavam e, quando Rafael nasceu, ele passou a ser incluído nestes momentos, carregado no colo pela irmã. Ao transformar a dança nessa forma de diversão compartilhada, Joana assumia o papel de guiar o irmão nos ritmos e movimentos, fazendo com que ele também participasse da brincadeira. A musicalidade e a dança eram, portanto, parte do cotidiano dessa e das outras famílias warao com quem passamos a conviver.

Ao que tudo indica, a religiosidade também era um valor importante para essas famílias warao; transmitido às crianças através da frequência regular nas missas dominicais, ou mesmo solicitando ao padre que fosse rezar uma missa em casa, onde juntos faziam orações. Também, era comum que mulheres e meninas warao, em contexto amplamente

9 Ver Amodio, Rivas e Dox (2006) sobre a especialização por gênero de tarefas infantis entre os Warao.

10 Ver também Szulc (2015).

comunitário, realizassem apresentações de dança após a missa em homenagem à Virgem de Coromoto. Nos dias que antecediam a celebração, as jovens se reuniam para ensaiar coreografias ao som de canções que evocavam a presença da santa em suas vidas por meio das bênçãos recebidas¹¹. As participantes vestiam saias longas de cores vibrantes, uma camiseta com a estampa da santa e um cocar feito de fibras de bananeira (substituindo as usuais fibras de buriti que usavam na Venezuela). Em meio às mais velhas, Joana dançava seguindo a coreografia, segurando a saia um pouco longa para o seu tamanho.

Tratava-se, sem dúvida, de um momento de diversão, estreitando laços entre diferentes mulheres e crianças, mas era também um gesto de devoção à santa que estava sendo ensinado às mais jovens. Em outras palavras, a dança era uma atividade não apenas lúdica; era uma forma de transmitir os valores religiosos católicos do grupo. Joana, além de dançar, vinha aprendendo orações com a mãe e a avó, bem como gestos e comportamentos que os Warao consideravam apropriados para frequentar a missa. Como iam regularmente à missa, ela observava e reproduzia os momentos de fazer o sinal da cruz e ajoelhar-se; entendia que precisava manter-se em silêncio. A dança, nesse sentido, correspondia a aprender com o corpo, aprender fazendo e aprender a religiosidade de sua família¹².

Dessa forma, a gestualidade e as expressões corporais, tenham elas o propósito de divertir ou de mostrar devoção, são para os pais qualidades importantes no desenvolvimento individual das crianças e, não por acaso, também são expressas através do quadro coletivo e das preparações rituais (roupas coloridas, cocares etc.) que reforçam a identidade warao.

Ebukitane, potencial agentivo das crianças e cuidado em meio às adversidades

Meu primeiro encontro com Joana e seus pais (Mariela e Samuel) tinha sido em outubro de 2020, em meio à pandemia de Covid-19, quando chegaram em Porto Alegre, junto de outros familiares, vindos de Cuiabá (MT). Os três estavam no Brasil há pouco mais de um ano e já haviam passado por diferentes cidades, vivendo em abrigos, pensões ou acampamentos improvisados. Saíram da Venezuela quando Joana tinha 2 anos, porque desejavam escapar da fome, da doença e da miséria que, com o avanço da crise humanitária no país, atingiam de forma ainda mais dura as comunidades indígenas.

11 Essas apresentações geralmente aconteciam em uma igreja cuja paróquia mantinha vínculos com pastorais de acolhimento a imigrantes, o que nos pareceu uma razão para acolher e valorizar o que, sob sua perspectiva, eram manifestações culturais dos Warao.

12 Outras crianças warao, além de Joana, também cultivavam e reproduziam gestos associados à religiosidade católica. Em uma visita para levar doações de roupas e brinquedos a uma casa onde viviam 40 indígenas, dos quais metade eram crianças, a equipe de antropólogos se deparou com um menino (por volta de 6 anos de idade) querendo nos ajudar a colocar os sacos e caixas no pátio da casa. Ao concluirmos a tarefa, ele parou diante de um dos sacos de roupa, fechou os olhos, juntou as mãos em forma de oração e, em seguida, pousou as palmas sobre a doação, como se estivesse “abençoando”.

Para garantir a subsistência de sua família nas condições do deslocamento forçado, Mariela, tal como outras mulheres warao antes dela, acionou sua experiência de *ebukitane*. Lembrava como, quando pequena, junto com sua mãe, tias e avós, além de outras crianças, realizava viagens para grandes centros urbanos na Venezuela onde passariam, às vezes, meses, pedindo doações a pessoas que passavam na rua. Para as crianças, essas viagens frequentemente ficavam na memória como uma experiência divertida: “*volvía cansada en el bus com mi mamá, pero era una aventura para mi, una diversión. Mejor era volver a la casa con dinero y cosas nuevas*”.

Entretanto, no Brasil, quando tentava levar os filhos de colo para fazer *ebukitane* nos semáforos, Mariela e as outras mulheres warao enfrentavam um ambiente bem mais hostil. Pedir dinheiro e doações na rua parecia suscitar acusações condenatórias não só a partir do poder público, mas também do público geral (NASCIMENTO, 2014; SZULC, 2015); e muitas vezes lhe causava constrangimento. Contudo, essa atividade era a maneira mais rápida e eficaz de arrecadar dinheiro. Especialmente quando Joana era pequena, Mariela vestia saias longas de cores vibrantes, entrelaçava os cabelos em uma única trança e usava um *chinchorrito*, pequena rede em que acomodava a filha junto de si para que esta a acompanhasse. Ela ainda levava, dentro de uma fronha de lençol, um papelão com os dizeres *soy indigena venezolano y necesito de ayuda con dinero o donaciones*, que colocava à mostra quando chegava ao local escolhido para fazer *ebukitane*.

Tal como a frequência irregular na escola, o *ebukitane*, sendo classificado como “trabalho infantil”, também podia ser visto por figuras de autoridade como sintoma de maus-tratos, negligência ou cuidado inadequado dos filhos (MARÉCHAL; VELHO; RODRIGUES, 2021). Porém, do ponto de vista de Mariela, seus filhos (assim como ela mesma quando era pequena) viviam essas saídas como um momento de diversão e alegria. Muitas vezes, criavam uma relação amistosa com vendedores e ambulantes não-indígenas que trabalhavam no mesmo “ponto”, de modo que eram presenteadas com balas, paçocas e até brinquedos (VELHO, 2022). Também era um momento em que o papel agentivo das crianças warao se revelava, ao servirem de mediadoras entre suas famílias e diferentes grupos sociais.

Além disso, argumentamos que *ebukitane* pode ser visto enquanto uma prática de cuidado, uma vez que, em meio a tantas adversidades, era a ferramenta mais eficaz encontrada por Mariela e outras mulheres para arrecadar algum dinheiro e poder, com isso, pagar o aluguel, comprar alimentos, roupas e remédios. Alguns valores obtidos eram também destinados à manutenção da alegria, sobretudo das crianças. Essa e outras famílias com as quais convivemos não mediam esforços para alegrar as crianças com festas decoradas, com uma torta grande o suficiente para ser compartilhada entre família e amigos e muita música para animar os convidados. As meninas, por sua vez, ficavam vibrantes nessas ocasiões, ao serem vestidas como princesas, tendo suas unhas pintadas e o rosto maquiado. Mesmo quando Mariela viveu com a família em um acampamento precário em uma cidade no norte do país, havia feito questão de destinar parte do dinheiro arrecadado fazendo *ebukitane* para comprar balões e um bolo para comemorar o aniversário de Joana. Detalhes como esses eram vividos como uma maneira de cuidar bem das crianças e celebrar momentos “especiais”, mesmo diante de tantas adversidades.

Assim, mesmo que, com o tempo, a maioria de adultos nessas famílias tenha encontrado emprego, algumas mulheres ainda faziam *ebukitane* esporadicamente. Tinham como objetivo arrecadar fundos para ocasiões especiais, ou ainda para pagar exames de ecografia durante a gestação (estes dificilmente realizados a tempo pelo Sistema Único

de Saúde do Brasil, que lhes fornece atendimento gratuito). Nesse sentido, os novos contornos que a prática do *ebukitane* ganhou para algumas famílias em Porto Alegre consiste em prover cuidado, momentos de alegria e celebrações que, da perspectiva dos warao, não deixam de compor o que consideram *nobotomo yorokitane*, ou seja, cuidado carinhoso das crianças.

Propiciando bons cuidados

As percepções de infância entre os Warao estão intimamente relacionadas às noções de corpo e saúde, eixos que são chaves imprescindíveis para uma boa reflexão sobre as transformações que temos discutido até aqui. Apesar das constantes reelaborações que nossas interlocutoras fazem sobre corpo e saúde, tais sentidos parecem continuar a ser intimamente relacionados à cosmologia de seu povo. Assim, denominam como *nobotomo yorokitane* aquelas ações realizadas para propiciar às crianças um “corpo forte” que, dentro dos limites do possível, cresce de maneira saudável.

O *nobotomo yorokitane* desponta já quando uma mulher planeja engravidar ou quando desconfia que está grávida. No decorrer da gestação, as mulheres de nossa pesquisa recorreram a diferentes ações que consideravam corretas, incluindo práticas em atenção biomédica (o acompanhamento pré-natal, exames de imagem e a ingestão de comprimidos receitados pelas equipes de saúde) tanto quanto atividades orientadas pela cosmologia warao. Da mesma forma como Mariela “tomou vitaminas” para que Rafael viesse a falar logo, inicia-se a partir do nascimento do bebê um trabalho, propiciando contato com as substâncias corretas, para que a criança venha a ter um “corpo forte” (TARDELLI, 2021)¹³. Muitas mães warao têm por costume banhar as crianças menores com água fresca diariamente ao amanhecer. De acordo com algumas delas, esse banho faz com que as crianças sejam estimuladas a crescer e desenvolver a habilidade de caminhar desde cedo. Consideram que banhar as crianças pequenas com folhas (de qualquer planta desde que sejam folham grandes) é uma maneira de protegê-las de *mal de ojo*, *daño*, *hebu*, ou doenças de *criollo*.

Também existem momentos sazonais dando a oportunidade de marcar o caráter coletivo desses ritos. As mulheres relataram como costumam fazer (usualmente na sexta-feira antes da Páscoa, estabelecendo aí uma possível relação com rituais católicos) uma cerimônia que busca proteger as crianças em sua integridade. Em um dos registros de vídeo que Mariela nos enviou para ilustrar a prática, estavam quatro das crianças da família, primas em segundo grau entre elas. Cristian (5 anos) e Adriana (8 anos), que eram irmãos de Paloma (1 ano), estavam ao redor da bacia, molhando alegremente as mãos na água, enquanto sua prima, Joana (então com 4 anos), se preparava para entrar na bacia. A temperatura do banho era constantemente aferida pelas crianças que brincavam, passando as mãos pelas folhas na água. Por ser uma data próxima da Páscoa, no sul do Brasil as temperaturas já estavam mais amenas e, por isso, a água estava aquecida. Quem estava dentro da bacia inicialmente era Paloma, sendo banhada por Jaqueline, sua mãe. Quando a criança começou a chorar, foi prontamente retirada da água, embrulhada em uma toalha e levada pela mãe para ser vestida. Joana, a próxima na fila do banho, parecia, por sua vez, mais entusiasmada com o que iria experimentar. Entrou rapidamente na água e se agachou, esperando para ser banhada pela avó, elo que unia as primas. Para essa criança, pelo menos, o banho parecia uma grande brincadeira.

¹³ Ver também Cohn (2005).

Algumas etnografias sobre crianças indígenas (FERREIRA, 2019; LOPES DA SILVA, 2002; NUNES, 2002) marcam a existência de brinquedos tradicionais e de ferramentas de trabalho em miniatura: espingardas, arcos e flechas, pequenos cestos ou pequenas foices, por exemplo. Ressaltam como as brincadeiras assumem uma tripla função na vida social do grupo; “educacional” (para a formação e apropriação dos referenciais locais), “lúdica” (para a integração social) e “identitária” (para socialização de grupos geracionais, em especial as crianças, no modo de vida de determinado povo) (DOMINGUES-LOPES; OLIVEIRA; BELTRÃO, 2015. p. 29).

Não identificamos entre os Warao em Porto Alegre nenhum brinquedo que pudesse ser considerado “tradicional” ou “exclusivo” de sua cultura. Assim como as outras crianças da vizinhança nas periferias da cidade, as crianças warao dispõem de brinquedos e brincadeiras usuais entre as classes populares: carrinhos, bonecas, bicicletas, bolas, ursinhos, “motocas”, e o celular, este último uma recorrente fonte de entretenimento entre as crianças menores. Isso não significa, contudo, que brinquem com ou como outras crianças que não as Warao. Sustentamos que é justamente a particular forma de sociabilidade em volta dos brinquedos e brincadeiras — que seja dança nas atividades paroquiais, saídas para fazer *ebukitane* ou banhos rituais de folhas — que constitui a maneira particular das crianças warao de se afirmar como membros de uma tradição étnica, antevendo a renovação cultural.

Brincadeiras no bojo dos deslocamentos forçados

Pesquisadores da infância indígena sugerem que, ao dedicar um olhar mais detido a brinquedos e brincadeiras, seremos capazes de aprofundar nossa compreensão das significações nativas que organizam a realidade do mundo em que as crianças vivem, um mundo que se revela através de gestos miúdos e, eventualmente, em momentos inesperados. Citemos um encontro com Mariela e seu marido, em que, excepcionalmente, estávamos quase a sós com o casal. Samuel, como costumava fazer nos dias em que estava de folga, lavava roupa nos fundos da casa, ao mesmo tempo que se engajava numa chamada de vídeo com parentes na Venezuela. Sem os pais e a irmã de Mariela por perto (havia viajado para fazer *ebukitane* em outra cidade) e sem a presença das crianças (uma na escola, o outro fazendo *siesta*), o silêncio reinava. Mas, logo, com a chegada de Camila, a esposa de um irmão de Mariela, que morava na casa da frente, e seu bebê de 18 meses, o ambiente voltou a ser o de costume.

Mariela, trajando um longo vestido azul com flores laranja que encobria a barriga de gestante, estava animada para compartilhar conosco uma novidade: havia recebido a alta médica do tratamento para tuberculose que vinha realizando há oito meses. A gestante pediu para seu marido que fosse ao quarto pegar o documento que registrava a conclusão do seu tratamento. Ele foi, e voltou tentando esticar o papel que trazia em mãos, cheio de dobras e vincos em várias direções. Mariela, comentando que a pequena bagunça não impediria a leitura da frase escrita, explicou: “*Hoy en la mañana, Joana estaba jugando con eso... Estaba haciendo un avioncito*”.

Na verdade, aquela não era a primeira vez que a mãe de Joana se deparou com brincadeiras da filha que extrapolavam o domínio de “coisas de criança”. Quando Mariela estava grávida de Rafael e Ihe foram prescritas muitas medicações e suplementos diferentes em uma consulta pré-natal, a filha brincava escondida com cartelas e comprimidos, o que demandava constante atenção da família para que ela não os ingerisse.

De fato, apesar de todos os esforços de *nobotomo yorokitane*, o adoecimento emerge como um problema quase corriqueiro dos Warao vivendo nas condições de vida geradas pelo deslocamento forçado (casas superlotadas, renda minguada, subnutrição). Doenças tratáveis, como tuberculose, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), pneumonia e covid-19 estão entre as principais causas de morte (ROSA; TARDELLI; ROA, 2021). Inclusive, a procura de tratamento biomédico (considerado mais acessível no Brasil) pode ser um dos motivos para a vinda ao país. Assim, processos de adoecimento e cura se tornam componentes inseparáveis da realidade cotidiana das crianças e suas famílias.

Por exemplo, Rafael, filho de Mariela, vinha realizando tratamento ambulatorial para tuberculose junto da mãe, mas ainda demoraria alguns meses para ele receber alta. Tiago, primo de Joana e Rafael, que tinha recém-completado 1 ano de idade, ainda estava no hospital onde devia passar três meses internado para realizar um tratamento contra tuberculose e pneumonia. Nesse cenário hospitalar, pouco associado a um “espaço de criança” para os Warao, Tiago experimentou seus primeiros passos longe da presença de seus familiares. A única pessoa, além da equipe médica, com quem o menino podia ter contato era a mãe.

Por um lado, a transformação de objetos em brinquedos feita por Joana e outras crianças warao nos mostra como algumas expressões de criatividade e aprendizagem estão conectadas a processos de adoecimento e cura. Por outro lado, experiências com tratamentos biomédicos e hospitalizações como as de Tiago são desafios que permeiam seu crescimento e nos dão pistas para pensar sobre como a infância se constrói mesmo sob circunstâncias adversas. Cabe lembrar que as crianças aprendem a viver com a sombra da morte e a perda súbita de parentes. A “cura” da tuberculose de Mariela foi motivo de grande alívio para a família, justamente porque todos ainda atravessavam o luto pela perda de Andres, irmão adolescente de Mariela (xodó dos pequenos sobrinhos e primos), falecido no ano anterior enquanto realizava tratamentos para AIDS e tuberculose. Essas experiências, decorrentes da saúde precária legada pela violência estrutural, também fazem parte da infância warao, formando um cabedal de memórias que fortalecem a identidade afetiva comum da coletividade.

Considerações finais

Ao longo destas páginas, procuramos demonstrar como concepções de infância para os Warao têm sido transformadas e reinventadas no bojo dos deslocamentos forçados para e no Brasil. Por meio de exemplos etnográficos, demonstramos o quanto suas vidas estão inextricavelmente associadas às experiências de seus pais, tios e avós, que se preocupam com seu desenvolvimento, crescimento, e com os efeitos que tantas transformações podem ter em sua formação enquanto pessoas warao. Apesar de mostrarem-se abertos a conhecer e mostrar a seus filhos as novas possibilidades que se apresentam no novo contexto geográfico e sociocultural que experimentam no seu país atual de residência, existe uma preocupação constante em fazer prevalecer sua identidade warao. Isso pode ser observado de maneira alternada em atividades e práticas de sociabilidade, nas oscilações entre línguas diferentes, nas atividades coletivas, como dança e *ebukitane*, assim como nas brincadeiras e formas de *yorokitane* centradas nas crianças.

As crianças, por vezes, devolvem aos adultos as inquietações quanto às descobertas cotidianas que fazem com suas famílias e, juntos, eles têm atribuído novos sentidos sobre o que é ser uma criança warao. Ou melhor, adultos e crianças têm criado uma concepção a respeito do que é ser uma criança warao em Porto Alegre, dentro das especificidades, limitações e desafios que seus modos de vida assumem na cidade.

Nesse sentido, os pequenos têm um papel importante, tanto como sujeitos a quem os adultos transmitem saberes e costumes (sendo assim “herdeiros” de um legado familiar étnico) quanto como mediadores de seus pais, tio, e avós nesse contexto sociocultural distinto que vivem em Porto Alegre. As crianças têm sido, portanto, importantes na criação e manutenção das relações dessas famílias com diferentes atores não indígenas em meio a esses deslocamentos e à constante tensão entre o “ir” e o “ficar” que povoa as preocupações de nossos interlocutores.

Elas são socializadas, desde muito pequenas, nesses grupos familiares e convivem com os adultos e com outras crianças e adolescentes de variadas faixas etárias. Elas cuidam umas das outras e são cuidadas pelos adultos. De fato, muitas atividades do cotidiano dessas famílias warao são organizadas tendo como prioridade a rotina, o conforto e o bem-estar das crianças. Elas também aprendem, junto aos adultos, sobre os desafios e dinâmicas do deslocamento forçado em um país estrangeiro. Interação com os trabalhadores de instituições públicas e com pessoas que os visitam para fazer doações de roupas, alimentos e brinquedos. Frequentam a Igreja Católica aos domingos e em datas festivas, saem para fazer *ebukitane* com as mulheres, vão ao mercadinho da esquina com os adultos para fazer compras, ao posto de saúde do bairro, ou tirar fotos na decoração natalina do shopping.

Além disso, a importância e os modos de ter um “corpo forte”, e como isso está relacionado à identidade warao, são demonstrados por meio de uma série de cuidados calcados na cosmologia e nos saberes xamânicos warao, valorizando aspectos “tradicionais” que essas famílias julgam importantes. O *nobotomo yorokitane*, cuidado com as crianças, tem passado a incluir outras práticas em cuidado, por exemplo, a atenção biomédica e o catolicismo.

Em suma, os Warao têm negociado, reconfigurado e ressignificado sentidos, em diálogo com esse contexto sociocultural e político que lhes faz frente. Não se trata, como esperamos poder ter deixado cristalino, de contar histórias de superação, ou mostrar apenas o lado “bom” da existência face a tantas violências que esta população tem vivido. Trata-se, sobretudo, de mostrar como estas crianças e suas famílias têm encontrado respostas (que podem também ser inquietações) e alternativas criativas e consistentes com a identidade warao, apesar dos desafios que têm enfrentado desde o início de sua trajetória histórica de deslocamento forçado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, B. “Situação etnográfica” e movimentos étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 129-143, 2014.
- AMODIO, E.; RIVAS, Y.; DOX, C. **Las pautas de crianza del Pueblo Warao de Venezuela**. Caracas: Asha Ediciones, 2006.
- AYALA LAFÉE-WILBERT, C.; WILBERT, W. **La mujer Warao**: de recolectora deltana a recolectora urbana. Caracas: Instituto Caribe de Antropología y Sociología, 2008.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.
- BRIGGS, C.; MANTINI-BRIGGS, C. **Stories in the Time of Cholera**: Racial Profiling during a Medical Nightmare. Berkeley: University of California Press, 2003.
- CODONHO, C. G. **Aprendendo entre pares**: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno (Amapá, Brasil). 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- _____. Entre brincadeiras e hostilidades: percepção, construção e vivência das regras de organização social entre as crianças indígenas galibi-marworno. **Tellus**, n. 17, p. 131-161, 2014.
- COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DOMINGUES-LOPES, R. de C.; OLIVEIRA, A. da C.; BELTRÃO, J. F. O lúdico em questão: brinquedos e brincadeiras indígenas. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 25-39, mar. 2015.
- FERREIRA, B. As crianças Kaingang: educação escolar e os processos próprios de aprendizagem. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 11, n. 1, p. 83-100, 2019.
- GARCÍA-CASTRO, A. Migración de indígenas Warao para formar barrios marginales en la periferia de ciudades de Guayana, Venezuela. In: REPRESA PERÉZ, F. (Org.). **De Quito a Burgos**: migraciones y ciudadanía. Burgos: Gran Vía, 2006. p. 43-48.
- GARCÍA-CASTRO, A.; HEINEN, D. Planificando el desastre ecológico: impacto del cierre del caño Manamo para las comunidades indígenas y criollas del Delta Occidental (Delta del Orinoco, Venezuela). **Antropológica**, n. 91, Caracas, p. 31-56, 1999.
- HEINEN, D.; LIZARRALDE, R.; GÓMEZ, T. El abandono de un ecosistema: el caso de los Morichales del Delta del Orinoco. **Antropológica**, n. 81, Caracas, p. 3-35, 1996.
- LOPES DASILVA, A. Pequenos “xamãs”: crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In: SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (Org.). **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global; Mari-USP, 2002. p. 37-63.
- MARÉCHAL, C.; VELHO, A. L. de B.; RODRIGUES, M. W. Entre o abandono e a tutela: Os Warao e a rede de Assistência Social em Porto Alegre. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 179-211, 2021.
- MEDAETS, C. **“Tu garante?”**: aprendizagem às margens do Tapajós. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.
- NASCIMENTO, S. J. do. Múltiplas vitimizações: crianças indígenas kaiowá nos abrigos urbanos do Mato Grosso do Sul. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 265-292, 2014.

NUNES, A. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (Org.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global; Mari-USP, 2002. p. 64-99.

ROSA, M. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA**. Rio de Janeiro: UFRJ; E-papers, 2021.

ROSA, M.; TARDELLI, G.; ROA, S. (Org.). **Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes**. Brasília: ACNUR, 2021.

SZULC, A. **La niñez mapuche: sentidos de pertenencia en tensión**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2015.

TARDELLI, G. Um convite à alteridade. In: TARDELLI, G. **Yakera jakitane saba nonate: para construir uma vida melhor**. Tradução em espanhol de Paulina Garjado. 1. ed. Brasília, DF: Fundo de População das Nações Unidas, 2021.

TASSINARI, A. Concepções Indígenas de Infância no Brasil. **Revista Tellus**, Campo Grande, v. 7, n. 13, p. 11-25, 2007.

VELHO, A. L. de B. **Ebukitane Warao em Porto Alegre: análise de uma reprodução social marginal**. 2022. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

Resumo O artigo examina as infâncias warao em deslocamento forçado da Venezuela ao Brasil, com base em etnografia realizada em Porto Alegre (2020–2024). A antropologia da criança mostra como adultos e crianças reinventam práticas de brincar, aprender e cuidar em meio ao adoecimento, às adversidades e às interações com instituições públicas e religiosas. A noção de *nobotomo yorokitane* (cuidar das crianças) orienta modos de cuidado que combinam saberes tradicionais, catolicismo e atenção biomédica. As crianças não apenas recebem cuidados, mas atuam como agentes na mediação de linguagens (warao, espanhol e português), na sociabilidade comunitária e nos dilemas familiares sobre permanecer no Brasil ou retornar à Venezuela. Conclui-se que, apesar das adversidades, as famílias elaboram alternativas criativas que ressignificam a infância, a identidade e o pertencimento Warao.

Palavras-chave: crianças indígenas, infâncias, transformações, deslocamento forçado, Warao.

Niñeces warao en el centro de la migración forzada: cuidados, aprendizaje e identidad

Resumen El artículo examina las niñeces warao en desplazamiento forzado desde Venezuela hacia Brasil, con base en una etnografía realizada en Porto Alegre (2020–2024). Desde la antropología de la niñez, muestra cómo adultos y niños reinventan prácticas de juego, aprendizaje y cuidado en medio de adversidades, enfermedades e interacciones con instituciones públicas y religiosas. La noción de *nobotomo yorokitane* (cuidar a los niños) orienta modos de cuidado que combinan saberes tradicionales, el catolicismo y la atención biomédica. Los niños no solo reciben cuidados, sino que actúan como agentes en la mediación de lenguas (warao, español y portugués), en la sociabilidad comunitaria y en los dilemas familiares sobre permanecer en Brasil o regresar a Venezuela. Se concluye que, a pesar de las adversidades, las familias elaboran alternativas creativas que resignifican la infancia, la identidad y la pertenencia Warao.

Palabras clave: niños indígenas, niñeces, transformaciones, desplazamiento forzado, Warao.

Warao childhoods in the midst of forced migration: care, learning and identity

Abstract This article examines warao childhoods in the context of forced displacement from Venezuela to Brazil, based on ethnographic research conducted in Porto Alegre (2020–2024). Drawing on the anthropology of childhood, it shows how adults and children reinvent practices of play, learning, and care amid precarious living conditions, illness, and interactions with public and religious institutions. The notion of *nobotomo yorokitane* (caring for children) guides forms of care that combine traditional knowledge, Catholicism, and biomedical attention. Children are not only recipients of care but also act as agents in mediating languages (Warao, Spanish, and Portuguese), community sociability, and family dilemmas about staying in Brazil or returning to Venezuela. It concludes that, despite adversity, families develop creative alternatives that reconfigure Warao childhood, identity, and belonging.

Keywords: indigenous children, childhoods transformations, forced displacement, Warao.

DATA DE RECEBIMENTO: 01/09/2025

DATA DE APROVAÇÃO: 06/11/2025



Milena Weber

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, e cientista social pela mesma universidade.

E-mail: milena.wber@gmail.com



Claudia Lee Williams Fonseca

Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, e coordenadora da Anthera – Rede de Pesquisa Internacional sobre Família e Parentesco.

E-mail: claudialwfonseca@gmail.com